

QUINTAIS AFETIVOS: SABERES SAGRADOS DE CURA E FÉ DAS BENZEDEIRAS DE MIGUEL PEREIRA, RJ

AFFECTIVE BACKYARDS: SACRED KNOWLEDGE OF HEALING AND FAITH FROM THE BENZEDEIRAS OF MIGUEL PEREIRA, RJ

Ana Angélica Monteiro de Barros¹

Ana Carolina Clemente dos Santos²

Resumo: Os quintais são patrimônios bioculturais que contribuem para a manutenção dos modos de vida, diversidade de costumes e crenças e que auxiliam na conservação da biodiversidade. Território de convívio doméstico e social, também é local de plantio de espécies com diferentes finalidades. Esse estudo etnodirigido de natureza qualitativa foi realizado em três quintais no município de Miguel Pereira (RJ) mantidos por mulheres rezadeiras e benzeadeiras que atuam na Umbanda. Tem por objetivo inventariar as espécies de plantas cultivadas nos quintais afetivos, nativas e exóticas e que são utilizadas nos benzimentos, bem como relacioná-las a diferentes formas de uso.

Palavras-chave: Ervas Ritualísticas; Umbanda; Etnoconhecimento.

Abstract: Backyards are biocultural heritage sites that contribute to the maintenance of the ways of life, diversity of customs and beliefs, and aid in the conservation of biodiversity. A territory for domestic and social interaction, it is also a place for planting species with different purposes. This ethnodirected qualitative study was conducted in three backyards in the municipality of Miguel Pereira (RJ) maintained by prayer and blessing women who practice Umbanda. Its objective is to inventory the plant species cultivated in these traditional backyards, both native and exotic, and used in healing rituals, as well as to relate them to different forms of use.

Keywords: Ritual Herbs; Umbanda; Ethno-knowledge.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutora em Botânica – Escola Nacional de Botânica Tropical, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro; Professora Associada - Universidade do Estado do Rio de Janeiro; E-mail: anaangbarros@gmail.com; ORCID: 0000-0002-2320-6146.

2 Mestre em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade – Universidade do Estado do Rio de Janeiro; E-mail: cacaclemente@gmail.com; ORCID: 0009-0001-9744-2993.

Introdução

O termo quintal, no Brasil, refere-se à área do entorno da casa construída que é utilizada para recreação, lazer ou jardim. Neste ambiente, faz-se o cultivo de variadas espécies vegetais para diferentes fins, como ornamentação, alimentação, artesanato, construção, plantas com propriedades medicinais e, em alguns casos, ritualísticas (Carniello *et al.*, 2010). A diversidade de espécies presentes nesses locais fornece recursos, sejam primários ou alternativos, que podem auxiliar o dia a dia das famílias (Amaral; Guarim Neto, 2008). Para Gomes (2009), os quintais são espaços repletos de conhecimento, que produzem e guardam memórias impregnadas de significados afetivos e simbólicos em relação às plantas neles inseridas.

Os quintais são patrimônios bioculturais, uma vez que são espaços que contribuem para a manutenção e reprodução dos modos de vida e da diversidade cultural de grupos, povos e comunidades. Além disso, contribuem para a conservação da biodiversidade e dos processos biológicos que ali ocorrem (Almada; Souza, 2017). Também podem ser analisados a partir do ponto de vista da religiosidade, pois são considerados territórios sagrados para a prática da benzeção, atividade terapêutica realizada de maneira dual entre o cliente e o(a) benzedor(a) (Quintana, 1999). Isso ocorre porque muitas benzedoras utilizam seus quintais para cultivar as espécies usadas nos rituais de cura (Rocha *et al.*, 2019; Fernandes, 2021). Dessa forma, os quintais representam espaços sagrados de conservação de etnoconhecimento e desempenham papel fundamental no resgate e na manutenção das práticas religiosas dos adeptos das religiões de matriz africana (Pagnocca, 2017).

No Brasil, os primeiros registros das atividades das benzedoras começaram a surgir a partir do século XVII, período em que o país ainda era colônia portuguesa. Enquanto os estudos de medicina avançavam pelo mundo, Portugal não acompanhava esse progresso. Nessa época, continuava-se a acreditar que a existência de doenças no corpo físico seria uma forma de punição de Deus, em decorrência dos pecados cometidos pelas pessoas. Esse pensamento dificultava que os médicos exercessem a profissão no país. Assim, o cuidado terapêutico com os doentes ficava nas mãos de mulheres benzedoras, que aprenderam com suas mães, em uma tradição familiar, como curar certas doenças com ervas, raízes, orações católicas e outros instrumentos (Del Priore, 2022).

Embora algumas práticas da benzedura utilizem orações católicas, o ato de benzer não está relacionado somente a essa liturgia. Observa-se a integração de aspectos do catolicismo, das religiões brasileiras de matrizes africanas, da cultura indígena e do kardecismo (Maciel; Neto, 2006). Faz parte da

ritualística das religiões de matriz africana a utilização de elementos naturais, especialmente as ervas. Ao se empregar o termo “erva” para se referir a uma espécie vegetal, reforça-se o simbolismo que a planta carrega. Isso inclui o entendimento de a seiva vegetal ser como “sangue”, que é extraído para a cura, o bem-estar e o equilíbrio necessário entre o mundo físico e o espiritual (Carlessi, 2016).

Na concepção africana, tudo o que se movimenta, todos os seres vivos têm axé, palavra deriva de *àṣe*, termo iorubá referente a: “energia”, “poder”, “força”. Quando há falta ou excesso de axé, ocorre um desequilíbrio que acarreta doenças. Por isso, reequilibrar o axé é fundamental para atingir o bem-estar (Prandi, 2022). Na Umbanda, utiliza-se o axé das ervas, presentes em sua seiva vegetal, com essa finalidade.

No ato de benzer, as mulheres se destacam por serem detentoras do conhecimento sobre o cuidado do próprio corpo por meio de ervas, rezas de cura e encantamentos (Maciel; Neto, 2006). As benzedeadas são, em geral, mulheres das classes baixa e médio-baixa da população, com pouca instrução formal e grande prestígio nas comunidades onde vivem, devido ao poder a elas atribuído de cura espiritual e física (Tramonte, 2010). Com o auxílio de rezas e ervas medicinais, desempenham não somente a função de curar enfermidades, mas também a de estabelecer uma mediação entre a humanidade e o sagrado (Azevedo; Cardoso, 2022).

No contexto das rezadeiras e benzedeadas, muitas dessas mulheres estão associadas à Umbanda. Nesta religião, os cargos de liderança são ocupados, principalmente, pelas mães de santo ou sacerdotisas. As mulheres estão em posições centrais de poder, seja na condução de rituais, na transmissão de conhecimento ancestral ou na administração comunitária (Lima; Costa, 2021). Essa condição representa um resgate da filosofia das sociedades matriarcais, que foram sendo inviabilizadas ao longo do tempo, mas que, na Umbanda, retomam seu protagonismo.

A Umbanda concebe uma integração afro-brasileira. É uma religião de matriz africana que não tem uma origem única, pois resulta de múltiplas influências, com base na cultura euro-afro-brasileira. Fundamenta-se no culto às divindades do panteão africano, bem como àquelas de origem indígena, católica e oriental (Linares, 2011). Essa pluralidade estética que marca a formação da Umbanda fica evidente durante os rituais sagrados conhecidos como “giras”, nas quais são utilizadas orações católicas, como o pai-nosso e associações a santos católicos (Pereira; Paulino, 2021).

Essa religião tem como lema “a manifestação do espírito para a prática da caridade” (Trindade, 2011, p. 56), princípio que também constitui a base

de atuação das rezadeiras. Os espíritos organizam-se em sete falanges principais: Linha das Almas (Pretos(as)-Velhos(as)), Povo do Oriente (Ciganos e Orientais), Linha dos Boiadeiros, Linha das Crianças (Erês), Linha dos Caboclos (Indígenas) e Povo de Esquerda (Exus e Pombagiras) (Prandi, 2010).

O objetivo do presente estudo é inventariar o uso das plantas ritualísticas utilizadas em benzimentos e cultivadas nos quintais pelas rezadeiras e benzedoras de Miguel Pereira (RJ) no contexto religioso de matriz africana.

1 Procedimentos metodológicos

Área de Estudo

Este estudo foi realizado entre os anos de 2022 e 2023 no município de Miguel Pereira (Latitude: 22°27'54" Sul Longitude: 43°27'56" Oeste), localizado na região Centro-Sul do estado do Rio de Janeiro, Brasil. Este município está estabelecido na área de influência do Vale do Rio Paraíba do Sul (Nunes, 2019).

A região de Miguel Pereira foi originalmente ocupada pelos povos originários Coroados, Puris e Araris, que habitavam “Serra Acima”. Os indígenas viviam a partir de atividades de coleta de alimentos disponíveis nas florestas nativas, pesca e cultivo de milho, mandioca, inhame, banana, batata, entre outros vegetais (Lemos, 2016; Alvarenga, 2022). A partir do século XVIII, ocorreu a ocupação luso-brasileira desse território, no âmbito do desenvolvimento de atividades ligadas à exploração do ouro em Minas Gerais. Na época, essa região era o caminho mais curto entre as áreas de mineração e a cidade do Rio de Janeiro (Nunes, 2019). No entanto, o grande desenvolvimento econômico do município ocorreu pela atividade da produção do café, principalmente no século XIX, que usava como força de trabalho a exploração da mão de obra escravizada africana (Chimento, 2020).

Tendo em vista a influência de três povos diferentes (indígena, africano e europeu), o sincretismo religioso no município torna-se muito evidente. Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2022), 44,2% das pessoas se autodeclararam católicas; 27,3% evangélicas; 6,8% espíritas; 1,4% umbandistas e candomblecistas (sendo 1,2% apenas umbandista e 0,2% apenas candomblecista); 0,4% budista; 0,8% judeus e 17,7% declaram não ter religião.

Pesquisa etnobotânica

○ presente estudo tem uma abordagem etnodirigida de natureza qualitativa, uma vez que esse tipo pesquisa interage em um nível que não pode ser quantificado. Trabalha com significados, valores, crenças, atitudes e inspirações (Minayo, 2002). Albuquerque e colaboradores (2010) ressaltam que as pesquisas etnobotânicas devem apresentar uma complementaridade entre as técnicas qualitativas e quantitativas. O recorte foi realizado no âmbito da Umbanda e contou com a observação participativa direta de rituais de cura realizados com uso de ervas sagradas cultivadas nos quintais ritualísticos de três mães de santo benzedeiras de Miguel Pereira.

○ perfil de seleção para participação na pesquisa incluiu mulheres adultas de qualquer faixa etária que tivessem conhecimento e praticassem rituais de rezas e benzimentos com plantas ritualísticas associadas à Umbanda e que fossem moradoras de Miguel Pereira. A partir do contato prévio com uma entrevistada selecionada (entrevistada 1), foi solicitado que indicasse outra pessoa do seu conhecimento que também se encaixasse nesse perfil para que pudesse participar da pesquisa. A técnica utilizada para essa seleção foi a bola de neve (*snow ball*) (Vinuto, 2014; Bockorni; Gomes, 2021).

As práticas de benzimentos e rezas feitas por mulheres estão desaparecendo no cotidiano moderno (Siuda-Ambroziak, 2018). Por essa razão, a realidade do universo amostral é pequena, sendo este um recorte de resgate de um conhecimento que está se perdendo ao longo do tempo. Devido ao número reduzido de pessoas aptas a participarem da pesquisa, essa amostragem foi lineal, ou seja, cada participante recomendou outra.

Ao serem selecionadas, as participantes foram informadas sobre os objetivos do trabalho e a metodologia a ser seguida. Foi entregue a elas o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido contendo todas as informações indispensáveis para a realização do estudo, que foi lido e assinado. Para fins de validação desta pesquisa, o projeto foi submetido à Plataforma Brasil e conseqüentemente ao comitê de ética da UERJ. Obteve o parecer número 5.843.192, afirmando que os documentos apresentados permitem o entendimento do projeto e a realização de sua avaliação ética, estando de acordo com as Resoluções nº 466/12 (Brasil, 2012) e nº 510/16 (Brasil, 2016) do Conselho Nacional de Saúde.

A primeira entrevistada atua no Terreiro da Capelinha, situado em Vera Cruz, na zona rural do município. Neste terreiro, foram acompanhadas as giras de Umbanda, especialmente na “Festa de Preto-Velho”, comemorada no dia 13 de maio. Nessas giras, observaram-se as ervas utilizadas pelas

entidades para realização dos benzimentos dos frequentadores chamados de assistência e as ervas utilizadas para fazer a defumação prévia do ambiente e dos filhos de santo. As outras duas entrevistadas realizam seus benzimentos em casa e moram em Governador Portela, primeiro distrito de Miguel Pereira.

Foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas com as benzedeadas (duas com a entrevistada 1, uma com a entrevistada 2 e duas com a entrevistada 3), direcionadas por um roteiro previamente elaborado e composto por questões abertas organizadas em três blocos de perguntas norteadoras (Manzini, 2004). Essas perguntas foram relacionadas em relação à identificação das entrevistadas e suas trajetórias de vida, ao uso das plantas ritualísticas nas práticas das rezas, à forma como os ritos são executados e à simbologia associada às religiões brasileiras de matrizes africanas. As entrevistas com as participantes foram feitas nos terreiros onde atuam e nos quintais afetivos de suas casas, onde cultivam as plantas que usam para rezar e benzer as pessoas que solicitam sua ajuda espiritual.

As entrevistas foram realizadas com o auxílio de um gravador eletrônico, mediante autorização prévia das benzedeadas. Também foram feitas anotações em caderno de campo durante as entrevistas. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas para que os dados inventariados pudessem ser interpretados. Os registros fotográficos e as filmagens foram feitos com um celular Galaxy M32, objetivando compor o acervo documental da pesquisa. Além disso, os rituais de benzimento e as rezas foram observados.

Os quintais foram percorridos com as benzedeadas através do método da *turnê* guiada, que é empregado para se trabalhar em campo com um membro da comunidade reconhecidamente conhecedor da flora local. Esse procedimento tem a finalidade de validar o nome das espécies das plantas citadas nas entrevistas (Albuquerque *et al.*, 2010). As plantas foram indicadas e descritas pelas rezadeiras quanto aos seus usos durante a *turnê* guiada.

O material testemunho das plantas foi obtido segundo as técnicas usuais de coletas botânicas (Peixoto; Maia, 2013) e registrado no Herbário da Faculdade de Formação de Professores da UERJ (RFFP, acrônimo conforme Thiers (2025), continuamente atualizado). As espécies foram identificadas por meio de bibliografia especializada, consultas aos herbários a partir do acervo digital das plataformas JABOT (Reflora, 2025a) e SpeciesLink (2025) e o auxílio de especialistas botânicos, quando necessário. A listagem florística foi organizada para as famílias de Angiospermas segundo o *Angiosperm Phylogeny Group IV* (APG, 2016). A grafia das espécies nativas foi conferida na plataforma Flora e Funga do Brasil (Reflora, 2025b), e a espécie das exóticas, no *The World Flora Online* (WFO, 2025).

Para análise dos dados referentes às plantas ritualísticas, utilizou-se a estatística descritiva, na qual as espécies citadas foram organizadas em ordem alfabética, apresentando a identificação das famílias botânicas, nomes científicos, nomes populares, distribuição geográfica, nomes ritualísticos (quando houver), contexto de uso e entidade religiosa relacionada. Os nomes populares das plantas correspondem àqueles indicados pelas entrevistadas. A identificação da origem geográfica das espécies foi obtida na literatura especializada (Camargo, 1985; 1988; Albuquerque, 1997; Almeida, 2011; Lorenzi; Matos, 2021) e na plataforma Flora e Funga do Brasil (Reflora, 2025b). As indicações do uso ritualístico e as divindades relacionadas à natureza das ervas também foram obtidas a partir das informações fornecidas pelas entrevistadas.

2 Resultados e discussão

O modo feminino de benzer e rezar

Algumas são mais desinibidas; outras, mais reservadas; umas são mais humildes, outras menos. Embora sejam bastante diferentes entre si, todas carregam a mesma força no olhar. Assim são as três benzedeadas que participaram deste trabalho: Lilian Bastos (entrevistada 1), Palmira de Souza (entrevistada 2) e Vanilda Bastos (entrevistada 3). Todas são cidadãs miguelenses há pelo menos 10 anos e desenvolveram sua espiritualidade na própria cidade. São reconhecidas pela comunidade como benzedeadas e atendem onde for necessário, seja em uma gira de Umbanda, seja em suas residências. Exercem papel de liderança em suas comunidades, sendo consideradas verdadeiras matriarcas.

Lilian Bastos é uma mulher branca de cabelos e olhos claros, filha de mãe brasileira e pai português. À época da realização deste trabalho, contava com 55 anos de idade. É mãe de duas filhas e tem formação superior. Proveniente de uma família com outras mulheres curadoras, teve duas tias maternas rezadeiras, sendo uma delas também parteira.

Palmira de Souza é uma mulher branca, mãe de três filhos e avó. Na época da realização da pesquisa, tinha 86 anos. Nascida em Valença, RJ, mudou-se para Miguel Pereira há 48 anos. Não possui formação superior e sustentou seus filhos sozinha, contando apenas com o auxílio de um dos seus irmãos que já morava na cidade. Foi a primeira pessoa da sua família a ser iniciada na Umbanda, uma vez que seus pais e avós eram católicos. Conheceu a Umbanda ainda em Valença, quando precisou da assistência de um rezador – ocasião

em que pisou, pela primeira vez, em um terreiro. Começou seu aprendizado nesse espaço e, assim que chegou a Miguel Pereira, logo se tornou mãe de santo, abrindo o próprio terreiro em sua casa.

Vanilda de Bastos é uma mulher branca, de olhos e cabelos castanhos. Mãe de duas filhas e avó. Foi a segunda pessoa da sua família a entrar para a Umbanda, tendo sido sua irmã mais nova a que lhe apresentou a religião. Filha de pais devotos, frequentou a igreja católica durante muito tempo em busca de alívio para sensações e visões que tinha quando ainda era criança. Foi na Umbanda que encontrou alívio, entendimento e compreensão da sua missão espiritual. Há 38 anos, tornou-se mãe de santo. Seu terreiro é um dos mais conhecidos e antigos da cidade, o Centro Espírita São João Batista. Com 71 anos, atende o público que lhe procura nas giras do seu terreiro e em sua casa também.

As três rezadeiras usam ramos de ervas para realizar os benzimentos fazendo o sinal da cruz na cabeça do consulente. Também recomendam banhos de limpeza e defumação para purificação, descarrego e sacudimentos, que, no contexto das religiões brasileiras de matrizes africanas, representa um ritual de limpeza e cura espiritual (Santos, 1999). Além das plantas, também utilizam um copo d'água e uma vela branca acesa. Para as benzedeadas, esses elementos aumentam a conexão entre o céu e a terra. Uma diversidade de plantas sagradas é cultivada nos seus quintais para esses fins.

O quintal é um território de protagonismo feminino, pois, normalmente, são as mulheres que zelam por eles (Fernandes, 2021). Bem como nas religiões brasileiras de matriz africana, nas quais têm um lugar de destaque na condução do arcabouço religioso e cultural e são detentoras do saber ancestral (Barros; Azevedo, 2021). No contexto dessas religiões, a forma de organização matriarcal tem inspiração no continente africano. Na África pré-colonial, algumas sociedades eram agrárias e a mulher tinha um papel central porque, enquanto os homens caçavam, era ela quem cuidava da agricultura. Nesse período, as sociedades eram coletivas e sua organização era baseada em um tipo de vida comunitária comunal (Oliveira, 2018). Dentre as benzedeadas, essa condição emerge nas relações que estabelecem com as comunidades com as quais interagem (Silva; Santos, 2020).

Quintais afetivos e as plantas de reza sagrada

Todos os quintais visitados (Figura 1) possuem grande extensão e elementos naturais como pedras, grutas e fonte de água, que são elementos essenciais para a prática religiosa. Esses espaços são circundados por áreas florestadas.

No Terreiro da Capelinha, são depositados assentamentos dos filhos de santo da casa. Nos demais quintais, as ervas ritualísticas são cultivadas junto com plantas ornamentais e hortaliças. Uma integração de diferentes finalidades em um mesmo espaço territorial, o que mostra a diversidade de propósitos que os quintais podem prover. Distintos conhecimentos que envolvem saberes femininos de cuidado com as saúdes física e espiritual, segurança alimentar, além das plantas ornamentais que carregam o ambiente com sua beleza e que trazem um bem-estar. De certa forma também contribuem para a saúde do ponto de vista material e imaterial.

Figura 1 – Quintais ritualísticos das rezadeiras que participaram da pesquisa, localizados em Governador Portela, município de Miguel Pereira, estado do Rio de Janeiro, Brasil



Legenda: a) Quintal de Dona Palmira de Souza; b) Quintal de Dona Vanilda Bastos.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

A escolha das ervas para a realização do benzimento depende de dois fatores principais: a indicação dos guias espirituais que participam do processo no momento e a necessidade da pessoa. Caso o consulente esteja ansioso, de “cabeça quente”, é preciso utilizar uma “planta de água”, que incluem espécies calmantes como, por exemplo, a colônia (*Alpinia zerumbet*). As rezadeiras destacam que a mistura de ervas, sempre em número ímpar (3, 5 ou 7), também é comum e depende da necessidade da pessoa.

As benzedeiras relatam serem mais procuradas por pessoas que apresentam sintomas de: mau-olhado, inveja ou “olho grande”, quebranto – mal-estar acompanhado de fraqueza, desânimo e, às vezes, vômito e diarreia (Sant’Ana; Seggiaro, 2007) –, espinhela caída – expressão relacionada a

dores no corpo e no estômago e à presença de cansaço anormal (Souza, 2018) –, além de torções e luxações. Também são procuradas para alívio de dores de doenças mais graves, mas, nesses casos, reforçam a importância de que os clientes busquem atendimento médico. Segundo Hoffmann-Horochovski (2021), é comum recorrer às bônças para dores, torções e quebras, principalmente em crianças.

Todas as rezadeiras destacaram que há um horário específico para fazer a colheita das ervas. Segundo elas, o processo deve ser realizado preferencialmente pela manhã, com o sol ainda fraco, e nunca à noite, pois é quando a planta está se recuperando. Do ponto de vista científico, essa prática está relacionada à variação na concentração dos princípios ativos das plantas medicinais durante o dia. Na parte da manhã, há aumento da concentração de alcaloides e óleos essenciais, por isso deve-se preferencialmente colhê-las nesse período (Abranches, 2015).

Foram inventadas 25 espécies de plantas cultivadas pelas benzedadeiras em seus quintais. São 24 Angiospermas e uma samambaia (Tabela 1). As pteridófitas cumprem papel importante nas religiões de matriz africana e seu uso envolve banhos e rituais, como, por exemplo, o sacudimento. Uma das benzedadeiras indicou *Nephrolepis pectinata*, que é associada aos Caboclos na Umbanda. Essa planta tem ação antidiarreica e antisséptica devido à presença de taninos que têm propriedades adstringentes, cicatrizantes e vasoconstritoras (Gomes *et al.*, 2017).

Dentre as angiospermas, seis espécies são nativas brasileiras e ruderais: alecrim-do-campo (*Baccharis dracunculifolia*), vassoura-de-benzer (*Sida planicaulis*), oriri (*Peperomia pellucida*), erva-prata (*Solanum argenteum*), fava-de-Oxalá (*Canavalia ensiformis*) e panaceia (*Solanum cernuum*). As demais espécies são exóticas. Quanto à questão ritualística, não faz diferença se a planta usada é nativa ou exótica. O que é levado em consideração é a simbologia que representa e a facilidade de se adquirir as ervas necessárias para determinadas ritualísticas.

A associação do uso de ervas com as entidades da Umbanda tem relação com as funções espirituais exercidas por cada uma. Por exemplo, os Erês (as crianças) transitam em diferentes reinos astrais e têm o poder de desfazer feitiços e magias, além de trazer alegria e esperança (Pinto, 2014). Os Pretos(as)-Velhos(as) utilizam a natureza e as ervas como fonte primária para suas ações curativas (Simoni, 2023). A relação das ervas com os Orixás diz respeito à essência de cada um. As ervas de Oxalá são indicadas para dores no corpo, fadiga e problemas circulatórios, por ser esse um Orixá velho. As ervas de Oxum e Iemanjá são recomendadas para problemas emocionais

e femininos (cólica, hemorragia), pois ambas são ligadas à água (Almeida, 2011).

Em casos de fraqueza e tensões no corpo, utilizam-se ervas de Ogum e Xangô, Orixás do ferro e do fogo, respectivamente. As ervas de Oxóssi são usadas para distúrbios mentais, pois este Orixá é o “dono de todas as cabeças”. As ervas de Iansã são sugeridas para problemas respiratórios e na área do tórax, por ser essa a Orixá associada ao vento e ao ar (Almeida, 2011). Dentre os Orixás e entidades espirituais que as rezadeiras associam às plantas cultivadas, as ervas de Oxalá se destacam com nove espécies e outras cinco da Linha dos Preto(a)s-Velho(a)s (Tabela 1).

Tabela 1 – Ervas sagradas cultivadas nos quintais afetivos das rezadeiras de Miguel Pereira, estado do Rio de Janeiro, Brasil

FAMÍLIAS	NOMES CIENTÍFICOS	NOMES POPULARES/ RITUALÍSTICOS	ORIGEM GEOGRÁFICA	DIVINDADES ASSOCIADAS	VOUCHER
ANGIOSPERMAS					
ACANTHACEAE	<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	Vence-demanda	Ásia (Índia)	Ogum, Oxóssi, Iansã	A.C.C. Santos 12
ARECACEAE	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Dendezeiro	África	Exú, Xangô	-
ASPARAGACEAE	<i>Dracaena trifasciata</i> (Prain) Mabb.	Espada-de-São-Jorge	África	Ogum, Cigano e Caboclo	A.C.C. Santos 9
ASTERACEAE	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Alecrim-do-campo	Brasil	Oxalá	A.C.C. Santos 19
CRASSULACEAE	<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw.	Saião	África	Oxalá, Iemanjá, Oxum	-
FABACEAE	<i>Canavalia ensiformis</i> (L.) DC.	Fava-de-Oxalá	Brasil	Oxalá	A.C.C. Santos 22
LAMIACEAE	<i>Lavandula dentata</i> L.	Lavanda	Europa	Caboclo, Iemanjá, Oxum	A.C.C. Santos 10
	<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	Europa e Ásia	Oxum	A.C.C. Santos 29
	<i>Mentha spicata</i> L.	Elevante	Europa	Oxalá, Iemanjá, Oxum	A.C.C. Santos 15
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	Europa	Preto(a)-Velho(a)	A.C.C. Santos 13
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Tapete-de-Oxalá	África	Oxalá	A.C.C. Santos 2
MALVACEAE	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Europa	Oxóssi, Oxalá	A.C.C. Santos 28
	<i>Sida planicaulis</i> Cav.	Vassoura-de-benzer	Brasil	Ogum, Oxum, Xangô	.C.C. Santos 26
MELASTOMATAACEAE	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don	Erva-de-Xangô	América Tropical	Xangô	
PHYTOLACCACEAE	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	América Tropical	Oxum, Oxalá	A.C.C. Santos 25
PIPERACEAE	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Orixi	Brasil	Preto(a)-Velho(a)	A.C.C. Santos 15
ROSACEAE	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa-branca-miúda	China	Erês	A.C.C. Santos 23
	<i>Rosa</i> sp.	Rosa-branca-de-cacho	África	Oxalá	-
RUBIACEAE	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	África	Preto(a)-Velho(a)	A.C.C. Santos 14
RUTACEAE	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Europa e Mediterrâneo	Preto(a)-Velho(a)	A.C.C. Santos 11
SOLANACEAE	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Rapé, Tabaco	América do Sul	Preto(a)-Velho(a)	A.C.C. Santos 20
	<i>Solanum argenteum</i> Dunal	Erva-prata	Brasil	Iansã, Caboclo	A.C.C. Santos 21
	<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Panaceia	Brasil	Xangô	A.C.C. Santos 18
ZINGIBERACEAE	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm.	Colônia	Ásia	Oxalá, Iemanjá	A.C.C. Santos 17
SAMAMBAIA					
NEPHROLEPIDACEAE	<i>Nephrolepis pectinata</i> (Willd.) Schott	Samambaia	América Tropical	Caboclo	-

A pesquisa apontou que os cheiros provenientes dos óleos essenciais produzidos pelas plantas têm grande expressão nos rituais de benzeduras. Na forma de banhos, chás ou defumação, os efeitos dessas substâncias induzem nos consulentes o bem-estar necessário para o tratamento dos males que os afligem. De acordo com as necessidades que se impõem, as benzedadeiras escolhem as plantas com cheiros específicos para benzerem as pessoas que as procuram. Esse conhecimento empírico, ao ser confrontado com a literatura acadêmica, mostra a eficácia dos aromas no enfrentamento dos desconfortos emocionais e físicos. Plantas com odor fraco, por exemplo, são usadas para trazer a paz e as de odor forte para fortalecer (Santos; Barros, 2024).

Nos rituais de reza, algumas ervas são essenciais, e sua escolha depende da necessidade do consulente. Em Miguel Pereira, são amplamente empregadas para tal fim e cultivadas nos quintais. São as seguintes espécies: *Petiveria alliacea* (guiné), *Justicia gendarussa* (vence-demanda), *Dracaena trifasciata* (espada-de-São-Jorge ou espada-de-Ogum), rosas brancas (*Rosa* spp.), *Ruta graveolens* (arruda), café (*Coffea arabica*). Essas espécies foram consideradas por Santos e Barros (2024) como espécies-chave bioculturais para as benzedadeiras de Miguel Pereira.

A guiné é uma das principais ervas utilizadas pelas benzedadeiras, assim como na liturgia das religiões brasileiras de matrizes africanas. É usada em banhos de descarrego contra más energias e males espirituais. Também é um componente essencial em práticas como a defumação, os rituais de sacudimento e as obrigações no Ori (cabeça) no processo de iniciação dos adeptos do Candomblé (Silva, 1993). É especificamente associada à Oxóssi pelas rezadeiras. Foi comprovada a atividade hipoglicemiante da guiné, que pode estar associada às ações secundárias sobre o sistema nervoso central de indivíduos que a consomem por tempo prolongado (Camargo, 2007).

Tem ampla distribuição geográfica, mas, no Brasil, é considerada uma planta ruderal naturalizada (Marchioretto, 2023). É especificamente encontrada na América tropical, o que inclui as regiões Central, Sul e Caribe. Possivelmente, tenha sido levada para a África na segunda metade do século XIX por ex-escravizados que retornaram a esse continente (Camargo, 2007; Barros; Napoleão, 2009). Algumas variedades africanas trazidas para o Brasil se adaptaram bem e tornaram-se espontâneas ou passaram a ser cultivadas (Almeida, 2011). É encontrada, geralmente, na orla de matas em locais sombreados, com solo fértil e não muito seco (Bacchi *et al.*, 1984).

A vence-demanda é uma erva quente e o banho com suas folhas é indicada na Umbanda para quebrar demandas (ataque espiritual), afastar a inveja,

o mau-olhado e as energias negativas que estão dificultando os caminhos dos consulentes. Essa erva é popularmente conhecida por ter propriedades anti-inflamatórias e analgésicas, devido à presença de flavonoides do tipo C glicosilados (Oliveira; Andrade, 2000). A espada-de-São-Jorge ou espada-de-Ogum (*Dracaena trifasciata*) é considerada uma erva quente associada aos Orixás Ogum, Oxóssi e Iansã. Muito utilizada em banhos e rituais de descarrego, proteção, limpeza e quebra de demanda (Amorim; Araújo, 2022). É usada como sensu comum para afugentar o mau-olhado e limpar o ambiente trazendo boas energias. O simbolismo dessa planta ganhou uma relevância muito grande para as religiões de matrizes africanas. Cultivar espada-de-São-Jorge nos quintais é essencial na prática dos benzimentos para ter a planta disponível quando necessário.

A rosa-branca é largamente empregada na ritualística dos benzimentos. É uma erva fria, indicada para banhos preparados com suas pétalas, com a finalidade de acalmar, tranquilizar e purificar o consulente (Santos; Barros, 2024). Nos quintais, além do uso ritualístico, também tem função ornamental. Tem grande importância na ritualística da Umbanda na ornamentação das festas públicas, principalmente aquelas dedicadas às Pombagiras, compondo os padês (Azevedo, 2022). Segundo Carlessi (2017), os banhos funcionam para intensificar as relações entre as divindades e os seres humanos. Nesse sentido, os médiuns na Umbanda procuram no banho de ervas uma interação que possa favorecer esse processo, conectando-os aos seus guias espirituais. As rosas-brancas são plantas de Oxalá e Iemanjá, cuja associação deve-se à cor que representa a pureza e a paz (Azevedo, 2022). O branco é a cor de Oxalá, mas pode ser associada a outros Orixás também, por ser a união de todas as cores. Tem relação com a Linha das Almas, por representar a pureza dos Pretos(as)-Velhos(as). Essas ervas são sugeridas para a limpeza das energias, e, em algumas situações, a ingestão do chá é aconselhado como calmante e anti-inflamatório (Santos; Fortuna, 2023).

Na medicina popular, a rosa-branca é utilizada na forma de chá, para o tratamento de problemas oculares, candidíase vaginal e como laxativo. Estudos demonstraram sua atividade antimicrobiana, o que justifica as indicações de uso citadas. As pétalas da rosa-branca contêm taninos, que comprovadamente atuam no processo de cura de feridas, queimaduras e inflamações, por formarem uma camada protetora sobre a mucosa (Santos *et al.*, 2014).

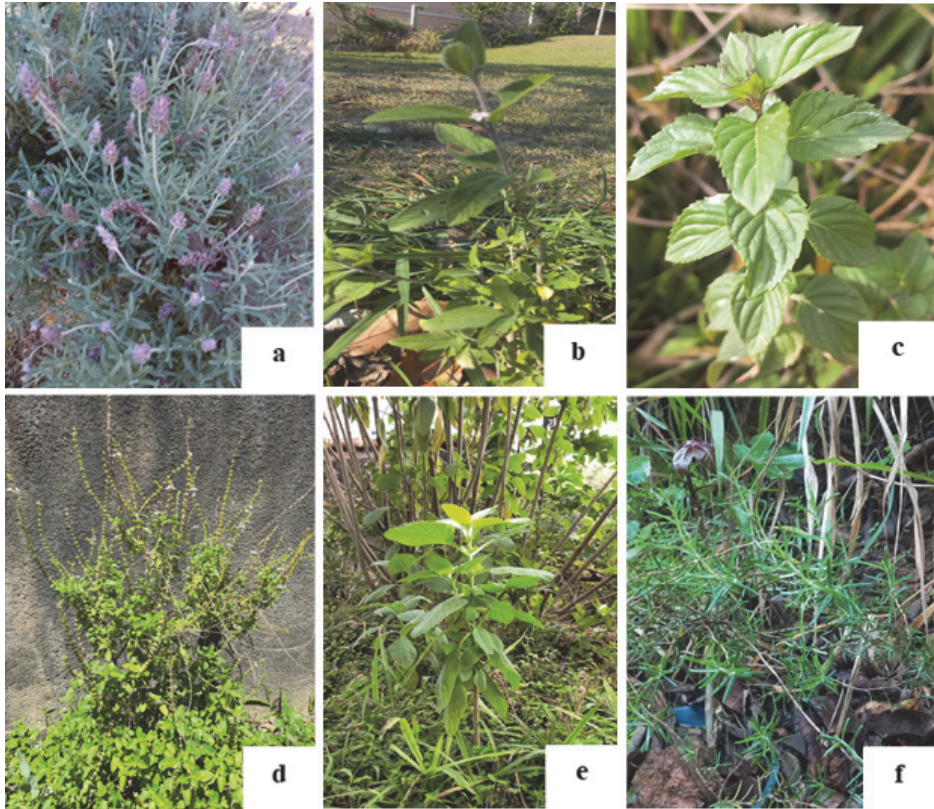
Na Linha dos(as) Pretos(as)-Velhos(as), utiliza-se o café na forma de infusão do pó da semente, que é ingerida fria. Tem como o princípio ativo mais importante a cafeína, que é excitante do sistema nervoso, dos músculos,

do cérebro, dos rins e do coração (Balmé, 2000; Lorenzi; Matos, 2021). Também pode se fazer o banho com as folhas maceradas. No contexto histórico de Miguel Pereira, o café tem uma dimensão ampliada, por causa do importante período econômico no século XIX de cultivo dessa planta para exportação com base no trabalho de pessoas negras escravizadas. Assim, a sabedoria espiritual dos Pretos(as)-Velhos(as) é muito valorizada localmente no âmbito da Umbanda.

A arruda é uma das principais ervas para espantar o mau-olhado. Um costume popular antigo vindo de Portugal é colocar um raminho de arruda atrás da orelha para proteger as pessoas das energias ruins, do mau-olhado, do olho-grande e da inveja (Camargo, 1988). Por ser uma planta com forte odor, é associada ao Orixá Exu. Como medicinal, é indicada para problemas menstruais, inflamação na pele, dor de dente, febre, cãimbra, doenças do fígado, verminoses e dor de ouvido (Camargo, 2014; Freitas; Lima, 2021). A presença de óleos essenciais ricos em metilcetonas, quercetina, alantoína, rutina e derivados cumarínicos, como o bergapteno, a xantotoxina e o psoraleno (Lorenzi; Matos, 2021), produz um odor característico que é essencial nos efeitos da benzedura.

Espécies de Lamiaceae se destacam dentre aquelas cultivadas (*Lavandula dentata*, *Melissa officinalis*, *Mentha spicata*, *Ocimum basilicum*, *Plectranthus barbatus*, *Rosmarinus officianalis*) (Figura 2). Apresentam óleos essenciais, como limoneno, mentol e canfeno, que têm ação antimicrobiana, antisséptica e expectorante (Lorenzi; Matos, 2021). Nos banhos com essas plantas, o óleo essencial diluído pode ser absorvido diretamente pela pele, ocasionando efeitos diversos (Dias *et al.*, 2022). Essas espécies são muito importantes nos rituais de benzeduras praticados em Miguel Pereira (Santos; Barros, 2024) e são facilmente cultivadas nos quintais.

Figura 2 – Espécies de Lamiaceae cultivadas nos quintais afetivos e indicadas pelas benzedeadas de Miguel Pereira, estado do Rio de Janeiro, Brasil



Legenda: a) Lavanda (*Lavandula dentata* L.); b) Erva-cidreira (*Melissa officinalis* L.); c) Elevation (*Mentha spicata* L.); d) Manjerição (*Ocimum basilicum* L.); e) Tapete-de-Oxalá (*Plectranthus barbatus* Andr.); f) Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.).

Fonte: Teresa Elisa Clemente dos Santos, 2023.

O alecrim-do-campo (*Baccharis dracunculifolia*) é uma espécie ruderal, comumente encontrada em áreas antropizadas. Ramos dessa erva são utilizados para realizar o benzimento no consulente enquanto as benzedeadas fazem o sinal da cruz. Na Umbanda, é associada a Oxalá, e suas folhas são utilizadas para defumação do ambiente, varrimento do espaço onde ocorre a gira e afastamento das más energias da casa (Santos; Fortuna, 2023).

A vassoura-de-benzer (*Sida planicaulis*) é associada a Ogum, Oxum e Xangô. Também relacionada a trabalhos com Pretos(as)-Velhos(as) na Umbanda. As rezadeiras de Miguel Pereira também a utilizam durante o benzimento sacudindo a erva ao redor dos consulentes. Os galhos e as folhas podem ser amarrados como uma vassoura para varrer o ambiente e afastar o

mau-olhado e as energias negativas. Alguns estudos têm sido realizados para investigar a possível propriedade antifúngica da *Sida planicaulis* (Sobreira et al., 2019).

O oriri (*Peperomia pellucida*) é associado a Oxalá, Iemanjá e Oxum. Relaciona-se com o elemento água, por ser uma planta crassa, e tem ação calmante (Viana, 2017). Na Umbanda, é utilizada para fazer defumação do ambiente e do consulente. Também faz parte dos amacis, que são banhos com mistura de ervas preparados manualmente para tranquilizar a mente e reequilibrar as energias (Camargo, 1988; Almeida, 2011). Essa erva também auxilia na visão espiritual, atuando como um facilitador de clarividência (Sarmiento, 2022). Os usos terapêuticos do oriri são muitos: tem conhecido potencial hipotensor e diurético, além de ser associado ao combate à tosse e à dor de garganta (Lorenzi; Matos, 2021).

De modo geral, a utilização de espécies de Solanaceae é comum em rituais de Umbanda. A erva-prata (*Solanum argenteum*) é da Linha dos Caboclos, mas também está associada à Iansã. É utilizada no sacudimento (Santos, 1999). O uso indicado pelas rezadeiras de Miguel Pereira é na forma de banho. O rapé ou tabaco (*Nicotiana tabacum*) é utilizado pelas entidades da Linha das Almas, os Preto(a)-Velho(a)s, nas defumações durante as giras, nas quais ocorrem os benzimentos pelos guias espirituais. Na análise fitoquímica desta espécie, foi identificada a presença de alcaloides, entre os quais predomina a nicotina, combinada com os ácidos málico e cítrico. Quando o tabaco é usado em pequenas doses, pode provocar aumento na pressão arterial e na atividade da mucosa estomacal. No entanto, em doses altas, reduz a pressão e o tônus muscular do aparelho digestório, além de estimular a respiração e o sistema nervoso central, o que leva a pessoa a ficar em estado de alerta. O uso prolongado pode causar o desenvolvimento de tumores malignos e fibrose pulmonar (Lorenzi; Matos, 2021). A nicotina atua no sistema cardiovascular, o que ocasiona vasoconstrição, taquicardia e hipertensão arterial (Matos et al., 2011). Além dessas espécies, a panaceia (*Solanum cernuum*), que, embora seja associada pelas rezadeiras ao Orixá Xangô, é considerada por elas uma erva fria com poder calmante e que deve ser usada na forma de banho. Na literatura científica, consta que essa erva está relacionada à função terapêutica gastroprotetora (Miranda, 2015).

A fava-de-Oxalá (*Canavalia ensiformis*) também é classificada como uma erva fria e deve ser utilizada na forma de banho. Em alguns países como Haiti e Panamá, as sementes da fava-de-Oxalá são usadas na forma de cordão como amuletos que garantem a proteção espiritual (Abrego; Noris, 2009; Volpato et al., 2009). Estudos recentes apontam a *Canavalia ensiformis* com

poder de ação neuroprotetora (Roma, 2025).

Nos quintais afetivos, ainda são cultivadas outras espécies que não necessariamente são tão expressivas para benzeduras, mas que também apresentam aspectos ritualísticos, ornamentais e medicinais. Dentre elas estão o saião (*Kalanchoe crenata*), a colônia (*Alpinia zerumbet*), a erva-de-Xangô (*Clidemia hirta*) e o dendezeiro (*Elaeis guineenses*).

O saião tem origem geográfica na África. É uma erva considerada pelas benzedoras como fria e está associada a Oxalá, lemanjá e Oxum. É uma planta calmante e a mucilagem presente nas suas folhas crassas tem ação emoliente (Camargo, 1988). Além de compor o amaci, o saião também é utilizado nos benzimentos em caso de torção e contusão (Patzlaff, 2007) e na decoração e ornamentação dos terreiros.

A colônia, uma espécie muito utilizada como ornamentação nos jardins, também é ritualística e empregada em banhos para acalmar o espírito do consulente. Da mesma forma que o alecrim, faz parte da composição do abô, do yorubá **àgbo**, uma infusão de ervas utilizada em banhos para purificação espiritual (Kileuy; Oxaguiã, 2014). Conhecida como “água dos **òrisá**”, ~e utilizada em diversos rituais, como a iniciação dos filhos de santo, e antes da gira começar no terreiro. Acredita-se que seja um elo entre o mundo dos Orixás e o terreno (Barros; Napoleão, 2009). Como planta medicinal, as folhas da colônia em infusão são indicadas para acalmar, como diurética e anti-hipertensiva. Rica em óleos essenciais em toda a planta, apresenta altas concentrações de cineol e terpineol (Lorenzi; Matos, 2021).

A erva-de-Xangô é uma espécie da Mata Atlântica que ocorre espontaneamente em áreas alteradas e abertas com grande presença de luz. Também chamada de branda-fogo é associada à lansã e a Exú. As benzedoras indicaram para banho e sacudimento por ser uma planta quente. É utilizada no tratamento de lesões cutâneas por ter ação cicatrizante, além de ansiolítica (Fenner *et al.*, 2006).

O dendezeiro é uma espécie nativa da África e cultivada no Terreiro da Capelinha. É planta de terra e fogo de Exú e Ogum. As rezadeiras de Miguel Pereira associam-na ao Orixá Xangô. Seu uso principal na Umbanda é na ornamentação do terreiro. As palhas do broto da palmeira são desfiadas e trançadas para montar os “mariôs”, que são colocados nas portas e janelas dos terreiros com o propósito de criar uma proteção mágica contra os malefícios e, em especial, afastar os Eguns, que são espíritos de pessoas que já morreram (Camargo, 1988; Almeida, 2011; Kileuy; Oxaguiã, 2014). O azeite de dendê é usado em muitas das oferendas de alimentos destinados aos Orixás e entidades, como bobô, acarajé, omolocum e farofas variadas.

É considerada uma espécie sagrada para os adeptos das religiões de matriz africana (Lody, 2024). O fruto do dendezeiro tem propriedades vermífugas e é empregado no tratamento de infecções cutâneas (Camargo, 1988).

Conclusão

Os resultados desse estudo reforçam a dimensão ritualística sagrada que guardam os quintais. Além de serem espaços ricos em biodiversidade, os quintais estudados detêm ervas que possuem propriedades capazes de energizar o corpo e a mente, trazendo paz e até a cura para males físicos e espirituais. São considerados verdadeiras farmácias vivas. Têm grande relevância biocultural, uma vez que constituem espaços de confluência de saberes ancestrais sagrados que são transmitidos de geração em geração de forma oral. Contribuem para preservação do conhecimento etnobotânico de plantas nativas e exóticas dos povos de religiões brasileiras de matriz africana.

A maioria das ervas cultivadas nos quintais das benzedadeiras e mães-de-santo de Miguel Pereira são utilizadas em seus rituais de benzeção, mas também possuem propriedades medicinais comprovadas cientificamente. Têm efeitos no reestabelecimento da saúde, seja em nível psicológico, com ações calmantes no sistema nervoso central, seja no físico, pela redução do mal-estar, atuando nos sistemas digestório, respiratório e locomotor, entre outros.

Os quintais têm representações simbólicas materiais e imateriais. Essa condição pode passar despercebida para as pessoas que não entendem ou não conhecem esses simbolismos. As espécies cultivadas têm múltiplas funções, porém, para pessoas iniciadas ou que sabem sobre as plantas sagradas, esses quintais ganham outra dimensão. Podem curar física e espiritualmente ao se agregarem às diferentes potencialidades das espécies escolhidas para serem cultivadas. Representam uma biblioteca de informações que são muito caras para as suas cuidadoras. Por isso, a afetividade associada a esses quintais. No contexto da Umbanda, a prática da caridade é primordial. Que melhor afeto dar a uma pessoa necessitada de cura do que palavras sagradas e a bênção com plantas que auxiliam nesse processo?

Agradecimentos

As autoras agradecem às três benzedoras que participaram da pesquisa. Seus conhecimentos e disponibilidade de tempo permitiram a produção deste texto, que dá visibilidade à sabedoria sagrada que vem sendo esquecida em tempos modernos. Um agradecimento também à CAPES, pela bolsa de mestrado concedida à primeira autora.

Referências

ABRANCHES, M. V. **Plantas medicinais e fitoterápicos**: abordagem teórica com ênfase em nutrição. Ebook. Rio de Janeiro: AS Sistemas, 2015. 212 p.

ABREGO, T.; NORIS, K. **Semillas y frutos de uso artesanal en Panamá**. 1 ed. Santo Domingo de Heredia: InBio. 2009. 108 p.

ALBUQUERQUE, U. P. **Folhas sagradas**: as plantas litúrgicas e medicinais nos cultos afrobrasileiros. 1. ed. Recife: UFPE, 1997. 195 p.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, F. P. R.; LINS NETO, E. M. F. Seleção dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, F. P. R.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Série Estudos & Avanços. v. 1. Recife: NUPEEA, 2010. p. 21-37.

ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. Quintais como patrimônio biocultural. In: ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. (Org.). **Quintais**: memória, resistência e patrimônio biocultural. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. p. 15-29.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011. 222 p.

ALVARENGA, F. M. Por um Vale do Paraíba indígena: conflitos étnicos e a transformação da propriedade dos índios em Valença (1780-1835). **Revista História**, n. 181, a14420, 45 p., 2022.

AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

AMORIM, N. C. R.; ARAÚJO, M. M. S. **Que planta escolher?** Entre a fitorremediação e a etnobotânica: uma leitura de suas diversas funções, com o olhar para a Umbanda. *Epistemologias do Sul*, v. 6, n. 2, p. 178-195, 2022.

APG (Angiosperm Phylogeny Group). An update of the Angiosperm phylogeny classification for the orders and families of plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, p. 1-20, 2016.

AZEVEDO, A. C. S. B.; CARDOSO, L. F. C. As enfermidades do corpo e os males da alma: sobre o método terapêutico das benzedadeiras em Belém do Pará. **Revista Amazônica de Antropologia**, v. 14, n. 1, p.11-30, 2022.

AZEVEDO, T. S. **Saberes ancestrais sobre o uso ritualístico e medicinal de flores no Candomblé da Nação Angola e na Umbanda**. 2022. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade) – Faculdade de Formação de Professores, UERJ, São Gonçalo, 2022.

BACCHI, O.; LEITÃO FILHO, H. F.; ARANHA, C. **Plantas invasoras de culturas**. 1. ed. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, UNICAMP, 1984. 3 v. V. 3. 307 p.

BALMÉ, F. **Plantas medicinais**. 1. ed. Curitiba: Hemus, 2000. 398 p.

BARROS, A. A. M.; AZEVEDO, V. A. M. Iyá Mi Oxorongá: olhares sagrados do feminino no Candomblé. **Revista Ethnoscintia**, v. 6, n. 2 (especial), p. 113-137, 2021.

BARROS, J. F. P.; NAPOLEÃO, E. **Ewé Orisá**. Uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblés Jêje-Nagô. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 514 p.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em *snowball* (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, v. 22, n. 1, p. 105-117, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial [da] União**. Brasília, DF, 13 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.conselho.saude.gov.br/webcomissoes/conep/index.html>>. Acesso em: 4 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial [da] União**. Brasília, DF, 24 de maio de 2016, Edição 98, Seção 1, p. 44, Disponível em: <<https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/conselho/normativas/resolucoes/resolucao-510.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2026.

CAMARGO, M. T. L. A. **Medicina popular**: aspectos metodológicos para pesquisa Garrafada – objeto de pesquisa. Componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral. 1. ed. São Paulo: Almed, 1985. 130 p.

CAMARGO, M. T. L. A. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I**. 1. ed. São Paulo: AMNED, 1988. 97 p.

CAMARGO, M. T. L. Contribuição etnofarmacobotânica ao estudo de *Petiveria alliacea* L. – Phytolaccaceae – (“amansa-senhor”) e a atividade hipoglicemiante relacionada a transtornos mentais. **Dominguezia**, v. 23, n. 1, p. 21–27, 2007.

CAMARGO, M. T. L. **As plantas medicinais e o sagrado**: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2014. 280 p.

CARLESSI, P. C. **“Nessas matas tem folhas!”**: uma análise sobre ‘plantas’ e ‘ervas’ a partir da Umbanda paulista. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado em Análises Ambientais Integradas) – USP, Diadema, 2016.

CARLESSI, P. C. Jeitos, sujeitos e afetos: participação das plantas na composição de médiuns umbandistas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 855-868, 2017.

CARNIELLO, M. A., SILVA, R. S., CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D’Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010.

CHIMENTO, V. **Miguel Pereira**: suas histórias e seus pontos turísticos. Jornal DR1, 23 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://jornaldr1.com.br/miguel-pereira-sua-historia-e-seus-pontos-turisticos/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

DEL PRIORE, M. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, M.; PINSKY, C. B. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 78–114.

DIAS, I. S. S. P.; MENEZES FILHO, A. C. P.; PORFIRO, C. A. O uso do óleo essencial de *Rosmarinus officinalis* L. no paciente com alzheimer. **Brazilian Journal of Science**, v. 1, n. 3, p. 66–96, 2022.

FENNER, R.; BETTI, A. H.; MENTZ, L. A.; RATES, S. M. K. Plantas utilizadas na medicina popular brasileira com potencial atividade antifúngica. **Revista Brasileira de ciências farmacêuticas**, v. 42, n. 3, 369-394, 2006.

FERNANDES, J. H. O. **O quintal como espaço educativo**. 2021. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMG, Belo Horizonte, 2021.

FREITAS, F. A. M.; LIMA, R. A. Um estudo bibliográfico sobre a *Ruta graveolens* L. (Rutaceae). **Revista Biodiversidade**, v. 20, n. 3, p 111-120, 2021.

GOMES, A. M. S. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro– africana**: terreiros, quilombos e quintais da Grande BH. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, UFMG, Belo Horizonte, 2009.

GOMES, N. M.; MARTINS, R. L.; ALMEIDA, S. S. M. S. Análise preliminar fitoquímica do extrato bruto das folhas de **Nephrolepis pectinata**. *Macapá*, v. 7, n. 1, p. 77-85, 2017.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção. **Guaju**, v. 1, n. 2, p. 110-126, 2021.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Miguel Pereira. Sinopse. In: **Censo Demográfico 2022**. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/miguel-pereira/panorama>>. Acesso em: 7 fev. 2026.

KILEUY, O.; OXAGUIÃ, V. **O candomblé bem explicado**. Nações Banto, Iorubá e Fon. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. 367 p.

LEMONS, M. S. **O índio virou pó de café?** Resistência indígena frente à expansão cafeeira no Vale do Paraíba. 1. ed. Jundiá: Paco, 2016. 224 p.

LIMA, J. S.; COSTA, J. H. R. Mulheres na Umbanda e no Candomblé: história, liderança e resistência ao patriarcado. **Ciências Sociais Aplicadas**, 19 p., 2021.

LINARES, R. A. Oferendas e obrigações à Yemanjá: pontos a ponderar. In: LINARES, R. A.; TRINDADE, D. F. (Org.); OXÓSSI, A.; ANGELOTTI, G.; DIAS, R. H. G. (Col.). **Memórias da Umbanda do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2011. p. 79-84.

LODY, R. **Tem dendê, tem axé**: etnografia do dendezeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2024.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil**. Nativas e exóticas. 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2021. 576 p.

MACIEL, M. R. A.; NETO, G. G. Um olhar sobre as benzedoras de Jurema (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 1, n. 3, p. 61-77, 2006.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: USC, CD-ROOM, 2004. 10 p.

MARCHIORETTO, M. S. Phytolaccaceae. In: REFLORA. **Flora e Funga do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB24174>>. Acesso em 26 dez. 2025.

MATOS, F. J. A.; LORENZI, H.; SANTOS, L. F. L.; MATOS, M. E. O.; SILVA, M. G. V.; SOUSA, M. P. **Plantas tóxicas**. Estudo de fitotoxicologia química de

plantas brasileiras. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2011. 256 p.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 86 p.

MIRANDA, M. A. **Solanum cernuum** Vell.: Estudo fitoquímico, avaliação das atividades gastoprotetora, antimicrobiana, citotóxica e obtenção do extrato seco por *spray dryer*. 2015. 203 f. Tese (Doutorado em Ciências Farmacêuticas) - Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto, 2015.

NUNES, N. S. As regiões de planejamento fluminense. In: RIBEIRO, M. A.; NUNES, N. S. **Geografia do estado do Rio de Janeiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2019. p. 199-223.

OLIVEIRA, A. F. M.; ANDRADE, L. H. C. Caracterização morfológica de *Justicia pectoralis* Jacq. e *J. gendarussa* Burm. f. (ACANTHACEAE). **Revista Acta Amazônica**, v. 30, n. 4, p. 569-578, 2000.

OLIVEIRA, F. C. O matriarcado e o lugar social da mulher em África: uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**, v. 3, n. 6, p. 317-339, 2018.

PAGNOCCA, T. S. **Uso de plantas terapêuticas em religiões afrobrasileiras na ilha de Santa Catarina**. 2017. 97 f. Dissertação (Mestrado em Biologia) – UFSC, Florianópolis. 2017.

PATZLAFF, R. G. **Estudo etnobotânico de plantas de uso medicinal e místico na comunidade da Capoeira Grande**, Pedra de Guaratiba, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) – ENBT, JBRJ, Rio de Janeiro. 2007.

PEIXOTO, A. L.; MAIA, L. C. **Manual de procedimentos para herbários INCT**. Herbário virtual para a flora e os fungos. 1. ed. Recife: Universitária UFPE, 2013. 102 p.

PEREIRA, A. R. G.; PAULINO, A. G. L. Trânsito religioso: estudo de uma trajetória entre Umbanda e catolicismo. In: PAULINO, A. G. L. (Org). **Religiões, espaço público, tensões e conflitos em um cenário plural**. 1 ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2021, p. 51-64.

PINTO, F. **Umbanda religião brasileira: guia para leigos e iniciantes**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. 152 p.

PRANDI, R. Coração de Pombagira. **Revista Esboços**, v. 17, n. 23, p. 141-49, 2010.

PRANDI, R. Axé, corpo e almas: concepção de saúde e equilíbrio segundo o Candomblé. **Revista Estudos Afro-brasileiros**, v. 3, n. 1, p. 47-530, 2022.

QUINTANA, A. M. **A ciência da benzedura**. Mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. 1. ed. São Paulo: EDUSC, 1999. 226 p.

REFLORA. **Herbário virtual**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.jbrj.gov.br/jabot>>. Acesso em: 10 dez. 2025a.

REFLORA. **Flora e Funga do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2025b.

ROCHA, M. B.; SEVERO, A. K. S.; FELIX-SILVA, A. V. Nos batuques dos quintais: as compreensões dos povos de Umbanda sobre saúde, adoecimento e cuidado. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 29, n. 3, 21 p., 2019.

ROMA, R. R. **Efeito neuroprotetor da lectina de *Canavalia ensiformis* (ConA) via sítio de ligação a aminoácidos em células da linhagem PC12 Adh**. 2025. 74 f. Tese (Doutorado em Bioquímica) – UFCE, Fortaleza, 2025.

SANT'ANA, E.; SEGGIARO, D. **Benzedeiros e benzeduras**. 1. ed. Porto Alegre: Alcance, 2007. 109 p.

SANTOS, A. C. C.; BARROS, A. A. M. Mulheres que curam: os saberes ritualísticos sobre uso de ervas das rezadeiras e benzedeiros de Miguel Pereira, RJ. **Revista Interface**, v. 34, n. 1, 105-134, 2024.

SANTOS, A. O. Saúde e sagrado: representações da doença e prática de atendimentos dos sacerdotes supremos do Candomblé Jêje-Nagô do Brasil. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 9, n. 2, p. 55-62, 1999.

SANTOS, F. S.; CARDOSO, J. R.; MENDES, J. V.; PINTO, M. V. Estudo farmacognóstico da *Rosa alba* L. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 7, n. 1, p. 136-150, 2014.

SANTOS, J. A.; FORTUNA, J. L. A etnobotânica do terreiro Tenda de Umbanda Luz Divina de São Jorge, Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 2, p. 1 – 21, 2023.

SARMENTO, S. K. **O simbolismo do espaço mato em um terreiro de Candomblé**

Jeje: um estudo de caso. 2022. 99 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Faculdade de Formação de Professores, UERJ, São Gonçalo, 2022.

SILVA, J. O.; SANTOS, T. R. Práticas umbandistas como aprendizagem comunitária de longa duração no Paraná. **Linhas Críticas**, v. 26, 19 p., 2020.

SILVA, O. J. Ervas. **Raízes africanas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1993. 187 p.

SIMONI, R. C. S. História, usos, crenças e valores místicos do café dentro das tradições afrodiáspóricas/Umbanda. **Revista Caminhos**, v. 21, n. 1, p. 46-58, 2023.

SIUDA-AMBROZIAK, R. Benzedeadas em via de extinção na Ilha da Magia. **Métis: História & Cultura**, v. 17, n. 34, p. 125-146, 2018.

SOBREIRA, A. L. C.; SOUSA, A. C. R.; CARMO, E. S.; DA COSTA, D. A. Investigação do potencial antifúngico de *Sida planicaulis* Cav. (Malvaceae) frente fungos filamentosos. **Periódico Tchê Química**, v. 16, n. 31, p. 607-615, 2019.

SOUZA, K. F. G. **Ira, Emília e Jurema:** trajetórias e perspectivas de rezadeiras no subúrbio carioca. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-raciais) – Centro Federal de Educação Celso Suckow da Fonseca / CEFET, Rio de Janeiro, 2018.

SPECIESLINK. **All groups**. Disponível em: <<http://www.splink.org.br/index?lang=en>>. Acesso em: 10 dez. 2025.

THIERS, B. (continuamente atualizado). **Index herbariorum:** the herbaria of the world. Disponível em: <<http://sweetgum.nybg.org/ih/>>. Acesso em: 11 dez. 2025.

TRAMONTE, C. Religiões afro-brasileiras na grande Florianópolis: origens históricas e afirmação social. **Revista Esboços**, v. 17, n. 23, p. 79-106, 2010.

TRINDADE, D. F. Umbanda na mídia. In: LINARES, R. A.; TRINDADE, D. F. (Org.); OXÓSSI, A.; ANGELOTTI, G.; DIAS, R. H. G. (Col.). **Memórias da Umbanda do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2011. p. 29-64.

VINUTO, J. A. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

VOLPATO, G; GODÍNEZ, D.; BEYRA, A.; BARRET, A. Uses of medicinal plants by Haitian immigrants and their descendants in the Province of Camagüey, Cuba. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 5, n. 9, p. 1-9, 2009.

WFO (The World Flora Online). **World Flora Online**. Disponível em: <<http://www.worldfloraonline.org>>. Acesso em: 10 dez. 2025.

Recebido em setembro de 2025.

Aprovado em fevereiro de 2026.